

ESSE NEGÓCIO DE LIVROS EPISÓDIO 11 – GÊNEROS OU NICHOS

01:00:32:15

VINHETA DE ABERTURA

O artista em geral é uma figura muito inquieta sempre.

Tanto que tem escritores que podem escrever poesia e prosa. São gêneros completamente diferentes!

Porque não experimentar outros?

ESSE NEGÓCIO DE LIVRO

Episódio – GÊNEROS OU NICHOS

01:00:32:15

MARCOS PEREIRA – Ex editor Salamandra/ Editor Sextante

A questão do gênero ou nicho dentro do mercado editorial, para mim é um ponto fundamental e inicial de uma editora. Imagina assim, você vai começar uma editora. Você tem que pensar o que você quer publicar. Se a resposta for “Eu quero publicar de tudo”, dificilmente você vai dar certo. Porque você precisa ser percebido como único e diferente dentro, enfim, para o consumidor, para o livreiro, para o consumidor final, para os agentes lá fora. Essa pergunta é imediata, quer dizer, qual é a sua linha de publicação.

VIDEOGRAFISMO – LINHA DE PUBLICAÇÃO.

01:02:11:05

MARCOS PEREIRA – Ex editor Salamandra/ Editor Sextante

Quer dizer, eu nasci no meio disso, meu pai fundou a Salamandra. Em 1992 a gente publicou um livro chamado “Muitas vidas, muitos mestres”, do Brian Weiss, que não tinha nada haver com o que a Salamandra publicava. Mas era uma coisa, meu pai tinha lido o livro, tinha se encantado. Uma estória de um psiquiatra que descobria terapia de vidas passadas. O livro começou a ter muito sucesso, a gente começou a perceber que existia uma nova literatura vindo disso, e que a gente poderia desenvolver um novo caminho. E aí surge a Sextante. A gente começa a fazer auto ajuda e espiritualidade, gêneros muito criticados, mas começa a fazer com toda a qualidade, com todo carinho, que a família sempre teve de fazer livro.

01:03:04:00

CLÁUDIO ROTHMULLER– Ex editor Campus

Editora Campus começou pequena. De início na área de ciências sociais. Ao longo dos anos a editora foi descobrindo ou o termo seria cavando, outros nichos. Sempre mantivemos a temática inicial, ciências sociais, e começamos a publicar informática, uma temática que ninguém publicava. Mesmo aconteceu com matemática, que surgiu também nos Estados Unidos, que era negócios. Sempre dentro desse princípio, dessa visão de não procurar best sellers, ou seja, não sermos editores de ocasião, que dá um tiro ali, um tiro aqui, um tiro pra lá. Nossa visão era de long sellers.

01:03:53:24

OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras

A Companhia, ela é tradicionalmente uma editora de long sellers, uma editora de catálogo. Obras e livros que vendem muito ao longo do tempo. Nós gostamos, enfim, de ser a casa de autores, de ver o livro como algo, um processo de longo prazo, e maturação lenta.

01:04:11:21

MARCOS PEREIRA – Ex editor Salamandra/ Editor Sextante

Eu acho que a marca da editora, ela tem um valor. Você tem marcas como Sabiá, você tem marcas como Civilização Brasileira, depois você tem Nova Fronteira, você tem Record, você tem a Companhia das Letras, você tem Rocco, Objetiva, Intrínseca, enfim, tantas. Cada uma dessas marcas é percebida pelo consumidor com o tipo de livro que ela publica. Claro que quando você cresce, fica mais difícil. E por isso que muitas vezes, por exemplo, recentemente, o exemplo é a Companhia das Letras, que resolveu diversificar. O quê que ela fez? Ela criou uma série de marcas diferentes.

01:04:55:14

OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras

A Companhia é uma editora que era vista, e que é ainda vista pelos leitores como uma casa literária, etc, enfim, ela desperta, eu acho, um grande sentido de identificação com o leitor, e a ideia é fazer isso nos diversos selos. Nós vimos lançando novos selos. Isso começou pela fundação da Paralela, que é um selo que hoje se dedica, sobretudo, a ficção comercial.

01:05:21:14

MARCOS PEREIRA – Ex editor Salamandra/ Editor Sextante

Então, a Paralela vai fazer um tipo de livro, a Companhia das Letras continua fazendo os livros mais literários.

01:05:28:22

OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras

Mas também lançamos um selo de economia e negócios, um selo de culinária. Enfim, a Companhia nesse anos ela passou por um processo de ampliação do catálogo, e a tentativa é essa justamente, enfim, atender a todos os tipos de leitor, e a uma ampla gama de interesse. O grupo Companhia das Letras hoje publica cerca de 350 livros por ano, isso nos seus diversos selos, que são hoje dezesseis. O selo Companhia das Letras publica 190 livros ao ano, mais ou menos. Ainda corresponde a metade dos lançamentos da editora.

01:06:15:24

PAULO ROCCO – Editor Rocco

A gente tem várias coleções, várias seguimentos dentro da editora. A gente tem seguimentos mais literários, outros menos literários, outros livros dirigidos a um público para bem estar, outros infanto juvenis. Dentro do infanto juvenis, adolescente. Eu acho que é para ajudar ao leitor a criação de selos. Identificar o tipo de livro que ele está comprando.

01:06:45:22

LUIZ ANTONIO TORELLI – Presidente da Câmara Brasileira de Livros

Talvez seja uma coisa do mercado. No mercado aqui e no mundo, que você classifica por gênero. Essa coisa de você colocar na prateleira física, então eu vou separar o livro infantil num determinado canto, vou colocar o livro de culinária num outro canto, na prateleira tal. Mas eu acho que para o leitor e para o autor, acho que isso tem pouca influência.

VIDEOGRAFISMO – ESCRITA EM GÊNEROS

01:07:20:12

EDUARDO SPOHR – Escritor - Fantasia

Nos livros mesmos, eu até gosto de falar que são de fantasia, fantasia e para o público adulto. Primeiro público adulto porque não tem problema, eu posso fazer o que eu quiser. Se for para o público infantojuvenil, já vai ter alguém reclamando. Então, adulto, quer dizer, eu posso colocar o que eu quiser. Tenho liberdade total. Então eu já coloco dessa forma. E fantasia porque é realmente uma estória de ficção. Como eu trabalho como anjo, demônio e tal, alguém pode achar que tem uma coisa, um elemento religioso, pode ofender alguém, então, não. É fantasia e ponto final. Eu escrevo sobre o que eu gosto.

01:07:54:13

RAPHAEL MONTES – Escritor - Romance Policial

Comecei a gostar de ler por literatura policial. E não tardou depois ler Agatha Christie, George Simenon, Arthur Conan Doyle, eu passei a me perguntar: “Cadê a literatura policial brasileira?” Fui ler a literatura policial que havia no Brasil: Rubem Fonseca, Patrícia Melo, Luiz Alfredo Garcia Rosa, Tony Bellotto, Jô Soares, Luiz Lopes Coelho. E tendo visto a literatura policial que havia no Brasil falei – “Pois bem, acho que tenho algo há acrescentar.” E então comecei a escrever o que eu enxergava como a minha literatura policial.

01:08:26:16

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA – Escritor – Romance, conto infantojuvenil

Eu acho que a literatura é algo tão amplo, tão aberto, como se fosse uma espécie de mundo no qual você tem muitas ruas. E você por vezes não quer ficar só na sua rua, naquela rua, pelo menos, que você tem ali seus conhecimentos, a sua paisagem, as pessoas que você conhece. Você quer ir para outras ruas, você quer conhecer outros bairros.

01:08:55:00

LUIZ ANTONIO TORELLI – Presidente da Câmara Brasileira de Livros

Eu não penso muito em gênero não. Eu acho que vale aquilo que o mercado produziu.

01:09:05:04

NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa

Eu estou numa espécie de cruzada contra a ideia de gêneros literários. Eu acho que essa divisão ela tem muito mais um sentido didático e mercadológico do que intrínseco a literatura. Não acho que a literatura tenha nascido de uma ideia ou de uma necessidade de sistematização por formas de gênero. Acho que elas nasce muito mais do desejo de expressão, do desejo de representação do mundo, e de uma, um desejo de construção linguística e formal das ideias, do que à partir de “Ah, não, vou escrever sobre a forma de ensaio literário para poder comunicar tal coisa.” Eu acho que isso daí são sistematizações posteriores, que tanto a universidade, academia quanto mercado, se apropriaram para

poderem vender, para poderem ensinar de uma forma mais conveniente, cada um para as suas necessidades.

01:10:19:06

RAPHAEL MONTES – Escritor - Romance Policial

Sem dúvida os dois gêneros que mais fazem sucesso de pública e de venda no Brasil são fantasia e chick-lit. Chick lit como se fosse uma espécie de comédia romântica literária. Ao mesmo tempo o outro gênero é a fantasia, porque, também por uma questão mundial, as séries de TV, os livros que vendem muito no mundo. Vem de uma geração Harry Potter, Game of Thrones, Jogos Vorazes. Então que levam para esse universo distópico ou fantástico. E porque me parece, que o leitor brasileiro gosta um pouco dessa sensação de fugir da sua realidade. E a fantasia propõem justamente isso. Um mundo que não é o nosso.

VIDEOGRAFISMO – VENDAS

01:11:06:04

MARCOS PEREIRA –Editor Sextante/Presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros

O mercado está mais dinâmico. Um gênero poderia ficar durante dois, três anos. Agora a gente está mudando. Esse ano por exemplo foi uma surpresa a gente ver que os livros de não ficção, muito ligado a auto ajuda e espiritualidade, estão sendo os grandes campeões. Algumas biografias, mas fundamentalmente Cortella, Padre Reginaldo Manzotti, o Augusto Cury, “O Propósito” do Prem Baba. Quando você escolhe um nicho, um gênero, mais comercial, muitas vezes são apostas mais caras, porque você tem mais gente querendo isso. Então, às vezes um pequeno editor não tem como começar por isso. Porque ele vai competir com a Sextante, com a Record, com a Rocco, com a Cia.

01:12:03:21

CLÁUDIO ROTHMULLER– Ex editor Campus

..... para nós é um acidente. E por sorte tivemos muitos acidentes. Um foi “Pai rico, pai pobre”, que é uma obra que vinha recomendada por um consultor nosso. Tratava de administração, enfim, era uma estória verdadeira segundo o autor, é uma tradução. E minha opinião era que não devíamos publicar. Era um livro muito de auto ajuda, enfim, um pouco fora da visão que eu tinha. Mas, eu fui voto vencido, e publicamos e foi um sucesso instantâneo. Continua sendo um grande sucesso, vinte anos depois de publicado. É um livro que compara com qualquer livro de ficção, best seller de ficção, em sua venda. Ele acabou sendo adotado em cursos e coisas do tipo.

01:13:04:16

LUIZ ANTONIO TORELLI – Presidente da Câmara Brasileira de Livros

Eu acho que um gênero que surgiu em 2016, forte, os youtubers, que passaram, eram ilustres desconhecidos e que hoje brilham aí nas pesquisas como livros mais vendidos. Isso a gente percebeu muito na Bienal de 2016, tanto que nos motivou trazer autores que eram dedicados a isso, e com grande sucesso.

01:13:33:22

VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO

01:13:48:13

VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR

VIDEOGRAFISMO – GÊNEROS E AUTORES

01:14:01:09

ANDRÉ CONTI – Editor - Todavia

Você tem autoras e autores que vão da ficção para a não ficção, fazem uma reportagem, fazem um romance, mas também textos longos de não ficção ou escrevem em jornal, porque esse setor precisa de viram também.

01:14:19:01

LUCIA RIFF – Agente Literária

Tem autores aqui como Moacyr Scliar e Marina Colassanti, abraçam todos os gêneros ao mesmo tempo. O Moacyr abraçou no caso do infantil para uma adaptação, para um romance, para um livro de contos, um ensaio sobre as questões de medicina e enfermagem. E a Marina que também me fascina, que tem poesia adulta, poesia para criança, os contos de fada que são espetaculares. Espetaculares mesmo!

01:14:49:08

ISABEL COELHO – Editora - FTD

Dos autores marcadamente de literatura infantil, eles são conhecidos como autores de literatura infantil. Alguns autores se destacaram um pouco desse rótulo. Então a gente vê Ana Maria Machado, uma das principais escritoras da nossa historiografia da literatura infantil, mas que tem livros de ensaios, romances adultos e tal.

01:15:12:24

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA – Escritor – Romance, conto infantojuvenil

Pulei da poesia rapidamente depois de dois ou três anos, e comecei a escrever minhas primeiras histórias, que eram aquelas que me encantavam desde o início. Ouvi-las e lê-las. E daí eu comecei a produzir os primeiros contos, e daí mais adiante depois, mas aí claro, já compondo já um projeto de livro, que não são mais textos avulsos, mas pensando num livro com sua organicidade, com seu formato, com sua temática, aí eu publiquei o primeiro livro de contos, e depois o primeiro, primeira história voltada, vamos dizer entre aspas, para o público infantil. Eu gosto de trabalhar nessas várias frentes.

01:15:52:22

LUCIA RIFF – Agente Literária

É muito forte o mercado para jovem. O livro para adolescente, ou para o quase adulto, ou para o, ou aqueles livros que eles chamam de “cross over”, que é um livro que vai tanto para um público como para outro, e aí, muitos autores estão ficando, enfim, tentados a escrever para o público tão forte que surgiu pós “Harry Potter”.

01:16:11:18

ANDRÉ CONTI – Editor - Todavia

Muitos escritores quer fazer – “Ah, vamos fazer um livro infantil.”, vai lá escreve e não fica bom. Porque não tem o traquejo, porque nunca escreveu um livro infantil, porque livro infantil não é contar um estorinha boba, numa linguagem boba. Livro infantil é um troço muito difícil de fazer. Muito difícil! Então, são ofícios, eu acho, diferentes assim. É como você dizer - “É um fotógrafo virar um desenhista, ou sei lá.” Precisa ser um bom fotógrafo e um bom desenhista para a coisa funcionar, eu acho.

01:16:41:09

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA – Escritor – Romance, conto infantojuvenil

O mercado editorial ele acaba sendo como o próprio nome diz, um mercado. Então ele funciona por seguimentos, por nichos, ele faz diferenças das obras por conta do leitor, da faixa etária do leitor. Tanto que o que acontece? A maior parte dos meus livros, que são para um leitor mais maduro, eles estão numa editora que publica só esse tipo de livro. Então, ele estavam na Alfaguara, estão na Record, foram da Cosac. Então editoras que trabalham mais nesse campo. E os livros que, provavelmente são mais lidos, ou tem um direcionamento maior para os jovens, para as crianças, eles estão em outras editoras, que estão mais focadas nesse universo. Isso é até interessante, porque? Tem gente que me conhece como contista, e agora como romancista, porque os últimos livros que eu publiquei são romances também. Então, não sabe que eu publiquei para criança, outros sabem que eu publiquei livros para crianças e nunca leram um livro meu que supostamente seria para um leitor mais adulto.

VIDEOGRAFISMO – DIFERENÇAS ENTRE GÊNEROS

01:17:52:00

ANDRÉ CONTI – Editor - Todavia

A transição romance conto, ida e volta, é a mais comum. Tem porque em geral o cara começa com conto para ir pegando a mão, uma hora mira no romance, ou as vezes um romancista está exausto de um puta romance que ele escreveu e vai lá e escreve um livro de contos. Então essa é uma transição mais fácil.

01:18:09:25

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA – Escritor – Romance, conto infantojuvenil

Gosto muito do conto. A maior parte da minha obra são dez, doze livros que são coletâneas de contos, são conjuntos de contos. Eu gosto muito porque ele é muito desafiante. Porque? Porque você precisa trabalhar para fazer com que ele enquadre todo mundo em poucas palavras, em poucas situações. Então ele tem que concentrar naquelas pequenas margens toda uma estória, a estória de um ser. A estória de um momento, a estória de uma situação.

01:18:38:08

ISABEL COELHO – Editora - FTD

O livro de contos ele parece ser fragmentado porque uma estória não se relaciona com a outra, mas ao mesmo tempo se a gente faz um livro de contos que tem um fio condutor, em que todas as estórias, elas acabam se relacionando, não de maneira narrativa, mas de maneira conceitual, aí você cria um livro que meio que um conto remete ao outro, e quando você chega no final você entende, talvez, a amplitude da estória que está sendo narrada ali. E para fazer isso com o Carrascoza, a gente achou que os contos que pulsavam mais eram os que tinham uma temática familiar, que falavam de relacionamentos irmão e irmã, pai e mãe, pai e filho, enfim, e que por algum motivo esses contos também tinham um subtema que eram as primeiras experiências. Então a primeira morte, o primeiro ciúme, o primeiro choro mais doído, e o conto que dá título ao livro é a primeira vez que um garoto ver o mar.

01:19:50:13

NOEMI JAFFE – Escritora e professora de escrita criativa

Todos os sentidos da nossa vida porque que a gente precisa descobrir se esse texto é um conto ou uma crônica? Esse é um desespero de muita gente que vem me perguntar: “Ah! Noemi, qual a diferença entre conto e crônica?” Nossa, o Rubem Braga desde a década de 40 já superou essa diferença. Ele fez crônicas em que as coisas eram inverossímeis. Até hoje se você for falar com os grandes cronistas brasileiros, eles vão dizer: “Imagina, isso daí não aconteceu comigo. Eu invento. Eu escrevo eu, mas são as coisas que eu invento ali, e que as pessoas vem me perguntar depois se isso aconteceu comigo, e não é assim.” A mesma coisa com conto longo e novela. Como é que você sabe diferenciar quando um conto, que tem 70 páginas, ainda é um conto ou se ele já é uma novela? Sei lá, pra que saber isso? Ou se um ensaio literário, até que ponto aquilo é literatura ou é ensaio? O Prêmio Nobel do ano retrasado foi para Svetlana, que é um jornalista que transcreveu entrevistas que ela fez ao longo de vários anos, com mulheres que passaram pela guerra, por pessoas que passaram por um acidente nuclear. Depois no ano passado o Prêmio Nobel foi para o Bob Dylan, que é um músico, poeta, um poeta maravilhoso. Então, se lá, se no prêmio, o maior prêmio mundial da literatura isso já está ultrapassado, porque que aqui a gente fica nessa picuinha de saber o quê que é o quê. É literatura. Boa ou má literatura, isso que importa.

01:21:42:25

RAPHAEL MONTES – Escritor - Romance Policial

Eu acredito que a identificação de um gênero de uma determinada obra literária, ou seja, o livro é policial, é de terror, é chick lit, é fantasia? É importante apenas no aspecto mercadológico. Ou seja, o escritor quando escreve não deve pensar nisso. Você deve escrever o livro que te interesse.

01:22:12:26

EDUARDO SPOHR – Escritor – Fantasia

Eu como leitor ou com os leitores que eu falo, você está preocupado em ler uma boa estória. Seja um romance policial, romance histórico, seja fantasia, ficção científica.

01:22:31:08

RAPHAEL MONTES – Escritor - Romance Policial

Agora aconteceu uma coisa curiosa quando “Dias perfeitos” foi ser publicado pela Cia. O Luiz Schwarcz me ligou e disse que o livro não sairia na coleção colorida da Cia. das Letras, que é uma coleção linda que eles tem, aliás eu tenho quase todos os livros dessa coleção, e eu perguntei porque, e ele disse que ao colocar o meu livro na coleção eu estava restringindo o livro ao público. E na medida que publicasse fora da coleção eu atingiria um público maior. E, naturalmente, ele estava certíssimo. É um profissional do mercado habilidosíssimo, que está aí há anos, que tem uma leitura incrível, que teve essa inteligência de falar – “Olha, vamos publicar fora.” De modo que eu atingi o público de nicho, que acabou chegando ao ouvir falar de uma estória policial que havia publicado no Brasil, mas também a um público curioso para saber o quê que era esse livro, “Dias perfeitos”, sobre qual muita gente estava falando.

01:23:35:02

PAULO ROCCO – Editor Rocco

Não existe uma regra fixa. Quer dizer, escrever poesia, prosa? Drummond é um exemplo. Ele sabe escrever, ele sabe contar uma estória. Pode ser divertida, pode ser um drama, pode ser de que gênero for. Mas ele vai saber escrever.

CRÉDITOS FINAIS

